

DO CIBERESPAÇO À CENA: A NETNOGRAFIA ENQUANTO PRÁTICA CIBERQUILOMBISTA PARA A CRIAÇÃO DE PERFORMANCES

Silvânia Cerqueira, UFBA¹

RESUMO

O texto busca expor o percurso criativo da performance Malungas, desenvolvido no Laboratório de Criação Artista (Lacri), realizado pela Fundação Cultural da Bahia e financiado pela Secretaria de Cultura, proposta na qual busco pensar a netnografia enquanto caminho "etnográfico" para aquilombar narrativas, promovendo encontros e buscas na web para criar e escrever coletivamente. Escritas atualizadas no ambiente físico as quais têm a escrevivência enquanto fio condutor da ação performativa.

PALAVRAS CHAVE

Netnografia, Performance, Ciberquilombo.

ABSTRACT

This text seeks to expose the creative path of the Malungas performance, developed at the Criação Artista Laboratory (Lacri), carried out by the Cultural Foundation of Bahia and financed by the Secretary of Culture, a proposal in which I seek to think of netnography as an "ethnographic" way to acquire narratives, promoting meetings and searches on the web to create and write collectively. Updated writings in the physical environment which have writing as a guiding thread of the performative action.

KEY WORDS

Netnography, Performance, Cyberquilombo.

Andando por placas de silício

“Aylowa, alegria de nosso povo, continua entre nós, ela veio não com a promessa da salvação, mas também não veio para morrer na cruz. Não digo que esse mundo desconcertado já se concertou. Ma Aylowa, alegria de nosso povo, e sua mãe, Bamidele, a esperança, continuam fermentando o pão nosso de cada dia.” (EVARISTO, 2016, p.),

¹ Valentense, filha de Luciene, pesquisadora e fundadora do Coletivo Ventre Livre, Quilombo artístico, pesquisadora bolsista da Capes estudante do curso mestrado do programa de Pós- Graduação da Escola de Belas Artes - Ufba, Linha de Processos Criativos, membro do grupo Elétrico - Grupo de Pesquisa em Ciberdança.

Parece estranho começar um texto com uma citação, tal ação presente nesta abertura de terreno para a escrita se dá pelo desejo de ecoar polifonias femininas, de anunciar as vivências de agora, entendo que o racismo e seus traumas são estruturas encarnadas, mas nós buscamos **pari** Ayolwas para sinalizar o futuro narrado em prosa e performances, intuindo outras formas do estar junto para pensarmos as memórias coletivas e individuais, movendo-se por placas de silício, estradas concebidas por Ogum, Iansã, através da tecnologia com a potência comunicacional de Exu, nosso mensageiro, a espiral do tempo.

Sabe por que eu escrevo junto com Conceição Evaristo? Para trazer ao texto/mundo as mulheres que encontrei no terreno etnográfico e nas etnografias de andanças em territórios, quilombos, como bem pontuou Beatriz Nascimento (1989) em seu documentário *Ori*, a minha ancestral Nordestina que etnografou a si e os territórios de resistências para pensar os quilombos, e o quilombo para além dos estudos antropológicos reducionistas.

Assim, tomando posse da sabedoria deixada e sussurrado pelas mulheres que me regem na ordem do invisível, trago para esta pesquisa algumas malungas pesquisadas durante a imersão para gestar a Vivência Malungas, na qual penso o quilombo e o ciberespaço para criar o neologismo ciberquilombo, e através de tal acepção evocar os fundamentos de Beatriz Nascimento (2006), quando esta o escreve na categoria político social.

O quilombo na história do Brasil é também uma luta de resistência e valorização do protagonismo das mulheres negras, não é à toa que as lideranças femininas estão presentes nas discussões de execução de políticas. A participação feminina liderando os quilombos brasileiros ao longo da história nos permite citar nomes como o de Dandara, retratada como uma heroína que dominava técnicas da capoeira, e lutou ao lado de homens e mulheres em muitas batalhas. Teresa de Benguela, líder quilombola, viveu durante o século XVIII na região do atual estado de Mato Grosso, no Brasil.

Foi esposa de José Piolho, que chefiava o Kilombo do Piolho ou do Quariterêre, entre o rio Guaporé. Aqaltune, avó de Zumbi dos Palmares, princesa no Congo, escravizada no Brasil, foi figura fundamental para a consolidação do Kilombo dos Palmares. Aqaltune é o verdadeiro símbolo matriarcal de Palmares “O tecido cultural brasileiro funda-se por processos de cruzamentos transnacionais, multiétnicos e polissêmicos de cruzamentos e metalinguísticos [...] (MARTINS, 2021, p. 50).

Pensar o quilombo é retomar para si a tecnologia ancestral presente em nossas relações, atribuindo ao verbo aquilombar o prefixo *-ciber*, e assim, ciberaquilombar na tentativa de entender as encruzilhadas que configuram os diferentes espaços e nos permitem pensar estratégias unidas pelo invisível de fios metálicos que ligam telas e agenciam as ações no quilombo virtual/real, entendendo a diáspora contemporânea de quilombos hipertextuais, escritos em performances, encruzilhada evocada aqui para concebermos através das trilhas tecidas no ciberquilombo, uma instância simbólica que parte dos conceitos do ciberespaço enquanto ambiente de trocas, convivências e sociabilidade emergidos no contexto da cibercultura (LEMOS, 2002), terreno netnográfico.

Andanças pelo ciberespaço: A Vivência Malungas e Laboratório de Criação Artística Individual (Lacri)

A urgência de se aquilombar se manifesta de diferentes maneiras, uma delas é o desejo de criar zonas temporárias de respiro, propondo novas grafias e experiências ancoradas não apenas às territorialidades, pois pensar aquilombamento hoje, é assumir uma performance de espaços de segurança, sejam físicos ou virtuais.

A abordagem ciberquilombista refere-se ao ciberespaço, ambiente no qual realizamos as aberturas de janelas para juntarmos nossas experiências e o desejo de aquilombar-se de outras maneiras, dentre estas, a virtualidade concebida pelo ambiente virtual emergido e atualizado com o advento das tecnologias digitais, que desde de 1945 vem se reconfigurando aos modos do capitalismo, alterando nossa maneira de ser e estar no mundo, emergindo assim outros meios de estar e performar juntas.

Desta forma pensamos o ciberquilombismo enquanto tecnologias ancestrais, ampliando assim a compreensão de tecnologia para além de sua instrumentalização considerando os valores culturais inerentes a ela. É o humano que através das técnicas que inicia seu desenvolvimento, tornando-se um inventor de novos mecanismos, muito diferente daquilo que é concebido pela natureza (VERASZTO; SILVA; MIRANDA; SIMON, 2009).

Com base no desenvolvimento de técnicas tomamos o quilombo enquanto tecnologia ancestral, escrita aqui ciberquilombo, inspirado também na comunidade do Elecô, habitada por amazonas invisíveis, mulheres que na tradição das religiões afro-

brasileiras compõem o culto regido pela orixá Obá, a Yabá invencível. Sobre a sociedade feminina Cleo Martins (2020), afirma que:

A mitologia iorubá fala sobre uma sociedade feminina chamada Elecô, que é formada por guerreiras feiticeiras ambidestras que não tem os polegares. Esta maçonaria reúne as melhores guerreiras e amazonas, e é euó para os homens (2020, p. 79).

Comunidade de mulheres que fogem das análises binárias heteronormativas ocidentais, imagens das quais comparamos as mulheres de Daomé, um corpo militar feminino altamente treinado descrita pela maioria dos viajantes europeus que estiveram no reino do Daomé durante os séculos XVIII e XIX como amazonas invisíveis (SUGUIAMA, 2018).

Aquilombar no contexto da cibercultura nos remete refletir acerca das abordagens da inteligência coletiva, influenciada pelas tecnologias emergidas do acúmulo de experiências individuais de cada indivíduo que compõe as relações sociais, contribuindo para a potencialização da cooperação mútua do consenso e dissenso, difundindo diferentes coletivos e comunidades virtuais inscritas no ciberespaço que se atualizam no ambiente físico de diferentes maneiras, carregadas de ideias racistas, machistas, como expõe Lévy (1998), quando este escreve a desterritorialização enquanto fabricante de exclusão, embora exista falhas nos processos de *re-aliance*, o ciberespaço também pode servir para o reconhecimento de identidades, contrapondo-se às hierarquias informacionais.

O ciberespaço poderia abrigar agenciamento de enunciação de produtores de sintomas políticos vivos, que permitiriam aos coletivos humanos inventar e exprimir de modo contínuos enunciados complexos, abrir o leque das singularidades e das divergências, sem por isso inscrever-se em formas fixadas de antemão (LÉVY, 1998, p. 65).

As inscrições quilombistas fixadas no ciberespaço pressupõem o agenciamento de caminhos desviantes ao pensarmos a inteligência partindo dos estudos cosmológicos das Filosofias Africanas, a qual explicita que: “A inteligência deve ser vista como instrumento e precisa se afastar dos usos perigosos, nefastos, maléficos e egoístas [...]” (LOPES; SIMAS, 2021, p. 47). Por meio do pensamento desta, enquanto instrumento para afastar os malefícios de uma sociedade global, tomamos a inteligência coletiva como via de união de corpos e narrativas inscritas do ciberaquilombamento, explícitas na

Vivência, a comunidade ciberquilombista na qual movemos as narrativas femininas, uma encruzilhada de novas estratégias, assumindo os desvios da rede telemática.

Lacri e a Vivência Malungas

Realizado convocatória pela Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB), entidade vinculada à Secretaria de Cultura do Estado (SecultBA), a proposta de investigação teatral a partir de Laboratórios de Criação Artística Individual em Teatro (LACRI), tem enquanto objetivo estimular o desenvolvimento da linguagem teatral nos diversos territórios de identidade do estado da Bahia, em conformidade com a Lei N. 9.433/05. O Lacri permitiu que artistas de diferentes territórios trocassem seus processos investigativos, foi quando adequiei a Vivência Malungas (2022).

Realizei chamadas de vídeo e compartilhamento de arquivos, processo que durou 3 dias, alternei entre as partilhas com a pesquisa etnográfica/netnografica realizada nos intervalos da residência. Durante o processo tive a orientação do artista da cena Fábio Vidal, juntos organizamos as etapas seguintes da vivência. A ideia era trazer a presença de mulheres pesquisadas/executadas para apreciação e imersiva com os demais artistas participantes, daí surgiu a ideia de fazer a vivência, que foi realizada na Cooperativa Baiana de Teatro da cidade de Salvador.

A noção de presença explícita aqui, parte dos estudos de Josette Féral, quando esta tece abordagens para pensarmos os estados de presença, entendo-a para além do corpo físico parado em um determinado espaço, a presença nesta vivência é entendida em sua extensão imagética e sensorial.



Figura 1 Card de divulgação da Vivência Malungas- Fonte acervo da artista, 2022.

Através de tais abordagens realizei na capital da Bahia a Vivência Malungas, trazendo para cena os nomes das mulheres que pertencem a minha matriz ancestral e as narrativas das mulheres encontradas com a realização da netnografia, meio pelo qual eu trouxe a terra para mexermos no baú imagético das referências de infâncias, também trazidas por Cissa Dias, as mulheres que regem os Risos curativos de Lua Mandala, a sementeira de Joédison Gomes, o pulsar ancestral de Pusa Pinaud e a mãe preta de Murilo Aguiar, encontro guiado pela sabedoria de Fabio Vidal.



Figura 2 Vivência Malungas- Fonte acervo da artista, 2022.

Todos participantes da troca realizada na Vivência Malungas, fragmento performático concebido com as conversas realizadas nos encontros do que antes seria uma oficina germinou uma performance, uma escrita em cheios e memórias, imersão realizada após em parceria com o mediador pensar uma instalação, a qual junto aos elementos e nomes instalados veio o caminho sensorial, imergir para juntxs encontrarmos as mulheres ancorados, soterradas as quais escrevemos no presente.

Juntamos a vontade de contar histórias aos nomes soterrados, retornamos aos nomes não ditos e os reflexos não vistos, uma vivência curta realizada no sábado 02 de dezembro com os participantes do Lacri. A proposta foi uma adaptação de um dos exercícios da oficina Malungas, buscamos experimentar um fragmento do que seria a oficina.



Figura 3 Vivência Malungas- Fonte acervo da artista, 2022.



Figura 4 Vivência Malungas- Fonte acervo da artista, 2022.

A adaptação da proposta me fez retornar aos cheiros de café de fins de tardes, as imagens de placentas em folhas, a trama de narrativas que se cruzam e costuram o nosso agora, aquilombando experiências traçando novas rotas para semear futuros, um futuro semeado não por dores, mas pelo desejo de escrever os nomes daquelas que não dominam a grafia, trazer em silêncios mulheres soterradas e engarrafadas, Yás que preparam as esteiras de folhas para nossa chegada.

Considerações finais

Embora o tempo de imersão e diálogo com o grupo e os encontros individuais com o mediador tenha sido curto, o pequeno espaço de tempo abriu possibilidades para traçar o percurso de uma possível oficina pensando a dramaturgia do cheiro e dos sons de

moringa, acalanto trazido por Noca Cruz, musicista soteropolitana que gentilmente aceitou fazer a musicalização, fazendo com que eu entendesse que o som também compõe o enredo imersivo de escrever coletivamente com os sentidos e não com a grafia, cosmopercebendo, ouvindo o pulsar interno e cheiro de terras, sentido a textura da folha e vendo as imagens sugeridas com a instalação, caminho e imagens pelos quais me refiz e tracei novos reflexos, narciso morreu para que nós humanos de múltiplas identidades notássemos o nosso reflexo, e retornássemos às pretas que desejamos narrar em folhas escritas à mão, mas trazidas pelo olho ancestral refletido no espelho, enfim, saio da experiência cheia de inquietação e movida pelo desejo de realizar uma oficina presencial desdobrando a partilha, ampliando a etnografia de nomes e narrativas e também com a performance instalativa, pois entendi que a oficina e a vivência instalativa com a apresentação da performance se convergem.

BIBLIOGRAFIA

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FÉRAL, Josette. How to Define Presence Effects: The Work of Janet Cardiff. In: GIANNACHI, Gabriella; KAYE, Nick; SHANKS, Michael. **Archeologies of Presence: ArtPerformance and the Persistence of Being**. London: Routledge, Taylor and Francis Group, 2012.

LEMONS, A. **Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea.**, Sulina, Porto Alegre., 2002.

LÉVY, Pierre. **A inteligência Coletiva**. 3ª ed., São Paulo, 1998.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. 1. ed. Rio de Janeiro; Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. SP: Instituto Kuanza, 2006, p. 117-125.

ÔRÍ. Autoria do texto de locução: Beatriz Nascimento. Roteiro: Raquel Gerber. São Paulo: Angra Filmes Ltda. Fundação do Cinema Brasileiro, 1989. Color. Disponível em: <https://negrasoulblog.wordpress.com/2016/08/25/309/>. Acesso em: 20 out. 2021.

VERASZTO, E. V.; SILVA, D.; MIRANDA, N. A.; SIMON, F. O. **Tecnologia: buscando uma definição para o conceito**. Prisma.com, Porto, n.8, p. 19-46, 2009.

MARTINS, Cléo. **Obá “ A amazona belicosa**. Rio de Janeiro, 2020.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz . **Filosofias africanas: uma introdução**. 5º ed. Civilização Brasileira, 2021.